



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC GOIÁS**  
**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**  
**ESCOLA DE GESTÃO E NEGÓCIOS**  
**CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**KAROLAYNE MOREIRA DE SOUZA**

**ANÁLISE TRADICIONAL E DINAMICA DO CAPITAL DE GIRO: UM  
ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DO SEGMENTO  
AGRÍCOLA**

**GOIÂNIA 2021**

## ANÁLISE TRADICIONAL E DINAMICA DO CAPITAL DE GIRO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DO SEGMENTO AGRÍCOLA\*

### *TRADITIONAL AND DYNAMICS ANALYSIS OF WORKING CAPITAL: A CASE STUDY IN AN AGRICULTURAL COMPANY*

Karolayne Moreira de Souza\*\*  
Elcio Dihl Oliveira\*\*\*

**RESUMO:** Este trabalho teve como tema a análise de capital de giro por meio do modelo tradicional e modelo dinâmico. O objetivo deste trabalho foi analisar a relação entre os modelos, o modelo tradicional baseado em índices de liquidez, estrutura do capital e rentabilidade e o conhecido como modelo Fleuriet, fundamentado numa reclassificação patrimonial, alcançando como principais indicadores a Necessidade de Capital de Giro (NCD), o Saldo de Tesouraria (ST) e o Capital de Giro (CDG). Os dados foram coletados nos relatórios contábeis retirados da B3, referente ao período de 2016 a 2020. Com base nesses relatórios, foram calculados diversos indicadores tradicionais de desempenhos e indicadores da análise dinâmica do capital de giro. Após todo o estudo realizado ficou evidenciado, através da metodologia do modelo de Fleuriet, que a empresa encontra-se classificada segundo seus indicadores Necessidade de Capital de Giro, Capital de Giro e Saldo de Tesouraria como tipo 1 e 2 no períodos analisados e na análise tradicional foi possível identificar uma boa estrutura de capital de giro.

**Palavras-Chave:** Modelo Tradicional. Modelo Dinâmico. Giro de Capital. Agricultura.

**ABSTRACT:** This work had as its theme the analysis of working capital through the traditional model and the dynamic model. The objective of this work was to analyze the relationship between the models, the traditional model based on liquidity, capital structure and profitability ratios and known as the Fleuriet model, based on a reclassification of assets, reaching the Working Capital Need (NCD) as the main indicators. , the Treasury Balance (ST) and the Working Capital (CDG). Data were collected in accounting reports taken from B3 for the period 2016 to 2020. Based on these reports, several traditional performance indicators and indicators of dynamic analysis of working capital were calculated.

**Keywords:** Traditional Model. Dynamic Model. Working Capital. Agriculture.

## 1 INTRODUÇÃO

---

\*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Contábeis da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis, sob a orientação do Prof. Elcio Dihl Oliveria.

\*\* Bacharelanda em Ciências Contábeis pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Av. Universitária, 1440 - Setor Leste Universitário, Goiânia - GO, 74.605-010. E-mail: karol21299@gmail.com

\*\*\* Professor Orientador do Curso de Ciências Contábeis da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: elcio@pucgois.edu.br

O capital operacional ou de giro é representado pelo ativo circulante, que incluem todo o montante de dinheiro depositado em contas bancárias e contas a receber, bem como outras dívidas em aberto que podem ser convertidas em dinheiro para cobrir despesas. Em um sentido mais amplo, o capital de giro representa os recursos de que a empresa necessita para dar continuidade aos seus negócios, incluindo desde a compra de ativos circulantes. Segundo Assaf Neto (2005), a definição de capital de giro está relacionada aos recursos que circulam na empresa em um determinado período. Ou seja, a parte do capital de giro da empresa utilizado.

Para evitar erros que possam levar a resultados negativos, é necessária a utilização de um modelo de capital de giro eficaz, o modelo tradicional e dinâmico de análise de capital de giro são os que mais se destacam. O modelo tradicional é baseado em índices financeiros, que são obtidos da análise das demonstrações financeiras, mas sem alterações ou reclassificações, que podem causar alguma interferência nos resultados dos tomadores de decisão. A análise dinâmica proposta por Fleuriet no final dos anos 1970 foi proposta como um complemento à análise tradicional. Segundo este modelo, corresponde à análise dos ativos e passivos correntes, que estão em constante mudança ao longo do ciclo operacional.

Portanto, tendo como premissa a busca por informações úteis aos usuários das demonstrações contábeis, o **objetivo** deste trabalho é a análise tradicional e dinâmica do giro de capital da empresa SLC Agrícola.

Nesse sentido, esta **justifica-se** no meio acadêmico, pois fornece técnicas e ferramentas para a análise crítica do giro do capital por meio de análises tradicionais e dinâmicas, visualiza a saúde financeira da entidade e auxilia na tomada de decisões e no planejamento estratégico, a fim de promover o desenvolvimento da entidade. De que forma o método tradicional e dinâmico pode explicar a situação do capital de giro de uma empresa do segmento agrícola?

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico está estruturado em três tópicos, sendo que no primeiro será o capital de giro, posteriormente será o modelo tradicional e por fim o modelo dinâmico.

### **2.1 CAPITAL DE GIRO**

Segundo Ross (2000) a expressão ‘capital de giro’ ‘refere-se aos ativos em curto prazo da empresa’.

Para Gitman (2010), capital de giro é a parte circulante incluída no valor total do investimento existente na empresa. São os valores que transitam entre o caixa, a compra de matéria prima para produção, os produtos estocados, as vendas realizadas a receber e demais despesas relativas a insumos necessários para o exercício das atividades da organização. Segundo Hoji (2004), o capital de giro são recursos financeiros alocados em ativos circulantes que sofrem transformação constante dentro do ciclo operacional de uma empresa. Para Matias (2006), a expressão capital de giro refere-se aos recursos correntes ou de curto prazo da empresa, geralmente identificados como aqueles capazes de serem transformados em dinheiro no caixa dentro do exercício fiscal em curso, isso é no prazo limite de um ano.

Lemes; Rigo e Cheroblim (2016) reforçam que capital de giro corresponde à lacuna existente entre o momento da entrada da matéria prima na organização e o recebimento da venda.

Gitman (2004), diz que o Capital de Giro refere aos recursos que compõem o ativo circulante da empresa. São os valores que se transformam em dinheiro no menor prazo possível.

De acordo com o CPC 00 (2011), ativo são montantes que a empresa controla como resultado de atividades passadas e dos quais se espera retornos futuros. Dentre esses recursos temos caixa, banco, estoque entre outros.

## **2.2 MODELO TRADICIONAL**

Para Silva (2010), o modelo tradicional de capital de giro é realizado utilizando dados dos demonstrativos demonstrações contábeis. Para este modelo o capital de giro é dado como a diferença entre ativo circulante e passivo circulante (BRIGHAM ; EHRHARDT, 2006; ROSS; WESTERFIELD; JORDAN, 2013), ou seja, a capacidade financeira para liquidar seus compromissos de curto prazo (MODRO, FAMÁ; PETROKAS, 2012).

Ao se obter o capital de giro líquido (CGL), avalia-se a capacidade de pagamento de débitos de curto prazo, de modo que se avalia a liquidez da empresa e a capacidade de solvência (SILVA, 2010).

No modelo tradicional, de acordo com Brigham e Ehrhardt (2006), o capital de giro refere-se simplesmente ao ativo circulante. Porém Ross, Westerfield e Jaffe (2013) e Silva

(2010) predizem que os indicadores financeiros são indicadores de liquidez, de atividade, de endividamento, estrutura de capital, de rentabilidade e de lucratividade.

Dentre os indicadores utilizados neste modelo, além do CGL, pode-se destacar, segundo Matarazzo (2010) os indicadores de liquidez e de estrutura, permitem analisar a situação financeira da empresa, e de rentabilidade, onde se analisa a situação econômica da empresa.

### 2.2.3 Índice de liquidez

Para Marion os índices de liquidez são utilizados para identificar a capacidade da empresa para cumprir com suas obrigações a curto prazo, longo prazo ou imediato.

Para Ferrari (2009), além dos índices medirem a capacidade de pagamento da entidade a curto e longo prazo eles também auxiliam os credores da entidade a avaliar os riscos dos créditos já obtidos e os riscos de novos créditos a serem obtidos.

Os índices de liquidez são a liquidez geral (LG), liquidez corrente (LC), liquidez seca (LS) e liquidez imediata (LI).

#### 2.2.3.1 Índice de liquidez seca (LS)

Para Marion (2012), o índice de liquidez seca mostra, assim como o índice de liquidez corrente, a capacidade de pagamento da entidade em curto prazo, utilizando-se de seus recursos empregados no ativo circulante, porém sem considerar o valor de seu estoque.

De acordo com Ferrari (2009), o índice de liquidez seca mostra a capacidade de pagamento no curto prazo, sem utilizar-se de seus estoques. Utilizando-se a seguinte fórmula:

$$LS = (\text{Ativo Circulante} - \text{Estoque} / (\text{Passivo Circulante})) \quad (1)$$

De acordo com a NBC TG 16 (R2) (2017), estoques são ativos: (a) mantidos para venda no curso normal dos negócios; (b) em processo de produção para venda; ou (c) na forma de materiais ou suprimentos a serem consumidos ou transformados no processo de produção ou na prestação de serviços. Porém o passivo é uma obrigação presente da entidade, derivada de eventos passados, cuja liquidação se espera que resulte na saída de recursos da entidade capazes de gerar benefícios econômicos (NBC TG ESTRUTURA CONCEITUAL, 2017).

### 2.2.3.2 *Índice de liquidez imediata (LI)*

Marion (2012), destaca que o índice de liquidez imediata revela o quanto a empresa dispõe imediatamente dos recursos para saldar suas dívidas de curto prazo.

Para Ferrari (2009), o índice de liquidez imediata, mostra a capacidade de pagamento no curto prazo. De acordo com a fórmula:

$$LI = \text{Disponibilidades} / \text{Passivo Circulante} \quad (2)$$

### 2.2.3.3 *Índice de liquidez geral (LG)*

O índice de liquidez geral representa a capacidade da empresa de saldar suas dívidas e compromissos se fosse encerrar os negócios naquele momento. É um indicador que permite visualizar a situação financeira da empresa a curto e longo prazo. Nessa interpretação diz-se que quanto maior o valor, melhor as condições da empresa.

$$LG = \frac{\text{Ativo Total}}{\text{Capital de Terceiros}} \quad (3)$$

### 2.2.3.4 *Índice de liquidez Corrente (LC)*

Conforme explica Modro, Famá e Petrokas (2012), a liquidez corrente (LC) indica o quanto a empresa possui de disponibilidades e realizáveis em relação às dívidas em curto prazo. É resultante da divisão do ativo circulante pelo passivo circulante.

$$LC = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}} \quad (4)$$

Assaf Neto (2005) explica que o resultado deste índice demonstra o quanto existe de ativo circulante para cada R\$1,00 de dívidas de curto prazo.

### 2.2.4 *Índice de endividamento*

De acordo com Assaf Neto, (2012) o índice de endividamento proporciona elementos para avaliar compromisso da empresa com os seus credores e a sua capacidade para cumprir com os seus compromissos a longo prazo.

‘Os índices de endividamento são participação de capitais de terceiros (PCT), composição de endividamento (CE), imobilização do patrimônio líquido (IPL), imobilização dos recursos não correntes (IRNC), nível de desconto de duplicatas (NDD) e endividamento financeiro sobre ativo total (EFSAT) dos quais o presente trabalho se utilizara da composição de endividamento, participação em capital de terceiros e imobilização do patrimônio líquido.

Índices de rentabilidade

#### 2.2.4.1 Composição de Endividamento (CE)

Para Assaf Neto, (2012) a composição de endividamento indica quanto das obrigações total da entidade deverá ser pago em curto prazo, isto é, as dívidas de curto prazo comparadas com as obrigações totais. De acordo com a fórmula:

$$CE = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Capital de Terceiros}} \quad (5)$$

#### 2.2.4.2 Participação em capital de terceiros (PCT)

Este índice apresenta o percentual de Capital de Terceiros em relação ao Patrimônio Líquido, retratando a dependência da empresa em relação aos recursos externos.

$$PCT = \frac{\text{Capital de terceiros}}{PL} \times 100 \quad (6)$$

Outro índice apresentado por Matarazzo (2010) que auxilia na definição da situação da empresa é a Participação de Capitais de Terceiros (PCT), que demonstra o quanto a empresa tomou de capitais de terceiros em relação ao capital próprio investido. O cálculo é feito por meio da divisão do valor de Capitais de Terceiros pelo Patrimônio Líquido.

#### 2.2.4.3 Imobilização do patrimônio líquido (IPL)

Segundo Matarazzo (2010), a Imobilização do Patrimônio Líquido (IPL) indica que percentual de recursos não correntes a empresa aplicou no ativo permanente. Ou seja, quanto do patrimônio líquido se encontra aplicado no ativo permanente. É calculado de acordo com a fórmula:

$$IPL = \frac{ANC-RLP}{PL} \times 100 \quad (7)$$

O ideal é que as empresas imobilizem a menor parte possível de seus recursos próprios, sobrando assim PL para financiar o ativo circulante e diminuir a dependência de

capitais de terceiros. O IPL poderá apresentar-se em níveis elevados no caso da empresa possuir financiamentos de longo prazo para novos investimentos, o que demonstra uma decisão correta dos gestores.

#### 2.2.4.4 Rentabilidade do Patrimônio Líquido (RPL)

Para Iudícibus (2009) “este quociente é também de grande importância”, em que demonstra qual a taxa de rendimento do capital próprio, segundo Matarazzo (2003) se essa taxa for comparada com os rendimentos no mercado isso pode mostrar se a empresa oferece rentabilidade acima ou a baixo do mercado.

Evidência a rentabilidade do dinheiro investido, ou seja, se está sendo compensatório, aplicar nesta empresa ou caso deixe em poupança, títulos de renda fixa obtenha maior rendimento.

$$RPL = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{PL Médio}} \times 100 \quad (8)$$

#### 2.2.4.5 Margem Líquida (ML)

De acordo com Bruni (2014), a margem líquida é a representação da percentagem de cada unidade monetária que restou, depois da empresa ter pago seus produtos, as demais despesas e os impostos. O índice de margem líquida de um empreendimento dependerá da organização no qual ele é calculado e do giro que ele é capaz de ocasionar. Analisando de maneira genérica, quanto maior o índice melhor a situação financeira da empresa. O índice de margem líquida é obtido da seguinte forma:

$$ML = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita Líquida}} \times 100 \quad (9)$$

A Margem Líquida indica o quanto da receita restou para empresa após a dedução de todos os impostos, abatimentos e devoluções. Quanto maior se demonstrar a margem líquida, melhor para a entidade. (OLIVEIRA et al. 2010).

#### 2.2.4.6 Rentabilidade do Ativo (RAT)



De acordo com (Schmidt; Santos, Martins, 2006) “também denominado de *Return on total assets* – ROA”, evidencia o potencial de geração de lucros, ou seja, quanto a empresa obteve de lucro líquido para cada R\$100 investido. Assim a obtenção deste condiz com quanto tempo a empresa leva para obter o seu investimento de volta, será 5, 10, 20, 40 ou mais anos para poder recuperar o investido.

$$RAT = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Médio}} \times 100 \quad (10)$$

## 2.3 MODELO DINÂMICO

O modelo Fleuriet, também conhecido como modelo dinâmico que analisa o capital de giro, que surgiu na década de 1970 pelo professor francês Michel Fleuriet da instituição de ensino Fundação Dom Cabral (FRANCISCO; AMARAL; FERNANDES; DUECA; BERTUCCI, 2012). O modelo de Fleuriet contempla o comportamento e a evolução temporal da liquidez para captar a dinâmica empresarial por meio de três variáveis principais: tesouraria (T), necessidade de capital de giro (NCG) e capital de giro (CDG).

Para utilizar o modelo dinâmico, é necessário reclassificar as contas do Balanço Patrimonial em contas operacionais, de curto prazo e de longo prazo, nomeando-as como erráticas, cíclicas e permanente (VIEIRA, 2008). Após reclassificação temos como resultado o Balanço Patrimonial Gerencial para que sejam calculadas a T, NCG e CDG (VIEIRA, 2008).

### 2.3.1 Reclassificar das Contas do Balanço Patrimonial

Para utilizar o modelo dinâmico, é necessário reclassificar as contas do Balanço Patrimonial as contas do ativo e passivo, em contas operacionais (cíclicas) e em erráticas (circulantes financeiras), para as contas de ativo e passivo não circulante mais patrimônio líquido (permanente), (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015). Essa reclassificação tem como objetivo gerar o Balanço Patrimonial Gerencial para que, em seguida, sejam calculadas a T, NCG e CDG (VIEIRA, 2008).

QUADRO 1: Reordenamento do Balanço Patrimonial

ATIVO CIRCULANTE	PASSIVO CIRCULANTE
>Contas Erráticas Caixa, Bancos, Aplicações Financeiras	>Contas Erráticas Empréstimos de Curto Prazo, Dividendos, IR a Recolher
ATIVO CIRCULANTE	PASSIVO CIRCULANTE
>Contas Cíclicas Contas a Receber, Estoques, Despesas Antecipadas, etc.	>Contas Cíclicas Fornecedores, Salários a Pagar, Impostos s/ operações, etc.
ATIVO NÃO CIRCULANTE	PASSIVO NÃO CIRCULANTE
>Contas não Cíclicas Realizável a Longo Prazo, Permanente	>Contas não Cíclicas Exigível a Longo Prazo, Resultados de Exercícios Futuros, Patrimônio Líquido

Fonte: Fleuret, Kehdy e Blanc (2003)

### 2.3.1.1 Ativo

Segundo Fleuret e Zeidan, (2015), o ativo se divide em três categorias, sendo elas: ativo errático, ativo cíclico e ativo não circulante (ou de longo prazo).

#### 2.3.1.1.1 Ativo Errático

Para Fleuret e Zeidan, (2015), são ativos com disponibilidade imediata e aqueles que podem ser facilmente transformados em dinheiro. Os ativos erráticos incluem: aplicações de curto prazo: caixa e equivalentes de caixa, investimento de curto prazo, aplicações financeiras e outros ativos circulantes (sem ligação com a produção), (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015).

#### 2.3.1.1.2 Ativo Cíclicos

De acordo com Fleuret e Zeidan, (2015), são aqueles ativos dispostos com um tempo menor de doze meses com o princípio e necessidade para a produção, venda ou ambos.

Os ativos cíclicos incluem: estoques, clientes, adiantamento a fornecedor, créditos fiscais e despesas de produção antecipada (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015).

#### 2.3.1.1.3 Ativo Não Circulante

Para Fleureit e Zeidan, (2015), são ativos que a entidade manipulam por um tempo superior doze meses com a finalidade de se obter lucros. Os ativos não circulantes incluem: realizável a longo prazo, investimentos, imobilizado e intangível (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015).

#### 2.3.1.2 Passivo Circulante

Para Fleureit e Zeidan, (2015), o passivo se divide em três categorias, sendo elas: passivo errático, passivo cíclico e recursos de longo prazo (passivos de longo prazo e patrimônio líquido). Tal divisão nos remete que alguns dos passivos podem ser restaurados mediante a aprovação (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015).

##### 2.3.1.2.1 Passivo Errático

Os passivos erráticos incluem: fontes de recursos não renováveis: empréstimos e financiamentos, dividendos e outros passivos circulantes (sem ligação com a produção), (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015).

##### 2.3.1.2.2 Passivo Cíclico

Para Fleureit e Zeidan, (2015), os passivos cíclicos estão relacionados com fornecedores e consumidores com operações correntes. Os passivos cíclicos incluem: fornecedores, salários e encargos a pagar e impostos a pagar (sem ligação com a produção), (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015).

##### 2.3.1.2.3 Recursos de Longo Prazo

Os recursos de longo prazo incluem: passivo não circulante e patrimônio líquido, (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015).

### 2.3.2 Tesouraria (T)

Para Fleureit e Zeidan, (2015), o saldo de tesouraria é dividido em duas etapas sendo 'por dentro' e 'por fora'. Onde o 'por dentro' é definido pela diferença entre o ativo errático e o passivo errático e o 'por fora' podemos encontrar seus resultados na estrutura do balanço gerencial sendo definido pela diferença de capital de giro (CDG) e necessidade de capital de giro (NCG), (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015).

#### 2.3.2.1 Definição de 'Por Dentro'

O saldo de tesouraria é obtido pela equação (1)  $T = \text{ativo errático} - \text{passivo errático}$ .

De acordo com Fleureit e Zeidan, (2015), um T positivo mostra que a empresa tem dinheiro suficiente para superar suas obrigações financeiras de curto prazo sem diminuir os recursos designados no ciclo operacional. Fleureit e Zeidan, (2015), nos fala que o saldo de tesouraria que resulta entre a diferença de ativo errático e passivo errático, é o termômetro dos riscos consequentes das irregularidades entre ativos e passivos, sendo eles divididos em quatro tipos de risco sendo eles:

- Risco de liquidez: é o risco que o sacador de empréstimos tem de não conseguir ter acesso aos fundos necessários.
- Risco de mercado: é o risco nas quais as alterações nos preços de mercado afetam o custo real do empréstimo.
- Risco de contraparte: é o risco das ações do credor resultarem no aumento dos custos do empréstimo ou até na cessação do mesmo.
- Risco de garantia: é quando há transgressão nas cláusulas do empréstimo. Podendo gerar multas significativas ou até abrir processo de falência por negligência.

#### 2.3.2.2 Definição de 'Por Fora'

Para Fleureit e Zeidan, (2015), o saldo de tesouraria não é somente a diferença entre ativos e passivos erráticos, mas também é a diferença entre CDG e NCG. Assim se obtendo uma nova equação (2)  $T = CDG - NCG$ .

Se CDG for incapaz de financiar a NCG, o T será negativo. Se T for positivo a empresa terá fundos de curto prazo, (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015).

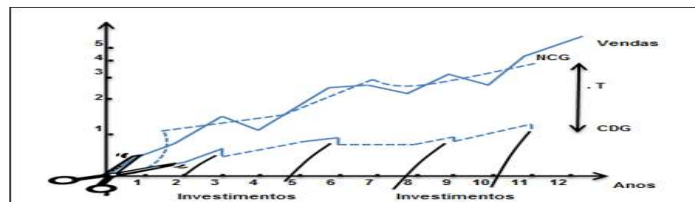
De acordo Fleureit e Zeidan, (2015), é difícil avaliar o risco de inutilizar o saldo de tesouraria a partir ‘de dentro’ como a equação (1) portanto, a equação (2) torna possível visualizar as alterações na T a partir das alterações do CDG e na NCG, (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015).

Portando a  $VarT$  é, a alteração na T,  $VarCDG$  das alterações do CDG e  $VarNCG$  nas alterações na NCG:  $VarT = VarCDG - VarNCG$ .

### 2.3.2.3 Efeito Tesoura

De acordo Fleureit e Zeidan, (2015) o efeito tesoura é o resultado decorrente do gráfico da função, nele o afastamento das curvas da NCG e do CGD apresenta um visual similar ao de uma tesoura.

Figura 1: Efeito Tesoura



Fonte: Fleuriet (2003, p. 39)

Para Fleureit e Zeidan, (2015), o efeito tesoura acontece quando a empresa não consegue aumentar o CDG no mesmo ritmo de aumento da NCG. Porém o efeito tesoura de forma geral, acontece quando:

- Reduz as vendas;
- Uma distribuição elevada de dividendos;
- Lucros baixos;
- Vendas elevadas;
- Ciclo-financeiro com crescimentos elevados;

- Inflação elevada.

### 2.3.2.4 Tipos de Balanço

Para Fleuriet; Kehdy; Blanc (2003) o ciclo econômico e a rentabilidade da entidade verificam seus balanços com uma perspectiva em particular a qual os permite classificar em quatro tipos exibidos na figura 3.

QUADRO 2 – Tipos de Balanços

Tipo / Item	CDG	NCG	T	Situação
I	+	-	+	Excelente
II	+	+	+	Sólida
III	+	+	-	Insatisfatória
IV	-	+	-	Péssima
V	-	-	-	Muito Ruim
VI	-	-	+	Alto Risco

Fonte: Marques e Braga (1995)

Segundo Fleuriet; Kehdy; Blanc (2003) os Tipos 1 e 2 são os que aparecem com maior frequência. No Tipo 1, a NCG é maior do que o CDG e, por isso, a T é negativo, (FLEURIET; KEHDY; BLANC, 2003). O Tipo 2 nos mostra uma base financeira estável, observando que a T é positiva, (FLEURIET; KEHDY; BLANC, 2003).

Para Fleuriet; Kehdy; Blanc (2003) o Tipo 3 é a típica organização financeira da entidade que pelem para sobreviver, pois normalmente essas entidades as quais possuem o balanço Tipo 3 destinam-se a desaparecer ou sobrevivem graças ao Estado (empresas estatais).

Segundo Fleuriet; Kehdy; Blanc (2003) o Tipo 4 é o mais raro, mas merece ser analisado, as entidades que dispõem do balanço Tipo 4 são voltadas ao fornecimento de produtos aos quais são vendidos à vista e compradas a prazo.

### 2.3.3 Necessidade de Capital de Giro (NCG)

Segundo Fleureit e Zeidan, (2015), a necessidade de capital de giro (NCG) não é uma declaração legal, mas sim um conceito econômico. Encontrado através da fórmula:

$$NCG = \textit{Ativo Circulante Operacional} - \textit{Passivo Circulante Operacional} \quad (11)$$

Segundo Matarazzo (2010, p. 284), com a NCG tem-se as seguintes situações:

$ACO > PCO$  é a situação normal na maioria das empresas. Há uma NCG para a qual a empresa deve encontrar fontes adequadas de financiamentos.

$ACO = PCO$  neste caso a NCG é igual a zero e, portanto a empresa não tem necessidade de financiamento para o giro.

$ACO < PCO$  a empresa tem mais financiamentos operacionais do que investimentos operacionais. Sobram recursos das atividades operacionais, os quais poderão ser usados para aplicação no mercado financeiro ou para expansão da planta fixa.

Com base nas três situações, os gestores devem tomar as medidas cabíveis, para otimizar o resultado organizacional. Observa-se que quanto menor o valor da NCG, melhor a situação financeira da empresa.

#### 2.3.3.1 NCG Positiva

Para Fleureit e Zeidan, (2015), a necessidade de capital de giro positiva é a diferença evidente no balanço sendo ela positiva entre os valores das contas dos ativos cíclicos e as contas dos passivos cíclicos.

Vale ressaltar que a NCG depende, da natureza e das atividades da entidade, portanto, às alterações são sensíveis ao que ocorre no ambiente econômico. A natureza da empresa estipula seu ciclo financeiro, enquanto a atividade estipula a vendas, (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015).

#### 2.3.3.2 NCG Negativa

Segundo Fleureit e Zeidan, (2015), as companhias com necessidade de capital de giro negativo possuem antes de gastar o resultado de seu ciclo financeiro é negativo. São três razões principais para um ciclo financeiro negativo:

- O modelo de negócio da empresa,
- A força da empresa vis-à-vis seus clientes e fornecedores,
- Empresas que recebem pagamentos adiantados por bens em produção.

#### 2.3.4 Capital de Giro (CDG)

Para Fleureit e Zeidan, (2015) no modelo dinâmico o CDG é um recurso permanente do patrimônio da entidade tendo como finalidade de custear sua necessidade de capital de giro.

Na maior parte dos casos apenas uma parte do patrimônio permanente é aplicada para custear a NCG, levando em conta que apenas uma parte desse patrimônio é aplicada para custear investimentos permanentes (contas não cíclicas do ativo), tais como edifícios, terrenos, máquinas, immobilizações financeiras e alguns itens do realizável a longo prazo, (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015). O capital de giro no modelo dinâmico é calculado com a diferença entre fontes de longo prazo (passivo não circulante mais patrimônio líquido) e o ativo não circulante (FLEUREIT; ZEIDAN, 2015). Dado pela fórmula:

$$CDG = Fontes\ de\ LP - Ativo\ Não\ Circulante \quad (12)$$

Para Fleuriet; Kehdy; Blanc, (2003) algumas observações são importantes para melhor compreender o conceito de capital de giro sendo elas:

- O CDG é idêntico ao valor do CCL no sentido financeiro tradicional como a diferença entre o ativo e o passivo circulante, porém é calculado de forma diferente,
- O CDG tem uma caracterização econômico-financeiro sem definição legal sendo um recurso permanente do patrimônio da entidade tendo como finalidade de custear sua necessidade de capital de giro,
- O CDG é imutável no período, mudando apenas quando se tem novas aplicações, porém o CDG reduz quando se tem novas aplicações.

O CDG pode ser negativo. “Neste caso, o ativo permanente é maior do que o passivo permanente, significando que a empresa financia parte de seu ativo permanente com fundos de curto prazo”, (FLEURIET; KEHDY; BLANC, 2003).

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho possui uma abordagem metodológica empírica, e ao que se refere a estratégia de pesquisa é um estudo documental, que usará de fontes primárias com a análise de documentos específicos. Ferrari (1982) afirma que a pesquisa documental tem por finalidade reunir, classificar e distribuir os documentos de todo gênero dos diferentes domínios da atividade humana.

O estudo terá como técnica de coleta a análise de conteúdo que define por estudar e analisar de forma objetiva e sistemática por meio de inferências confiáveis e informações sobre determinado assunto (MARTINS; THEÓPHILO, 2009).



Quanto à forma de abordagem, de avaliação, será utilizado a abordagem qualitativa e quantitativa. A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social (RICHARDSON, 1999). Segundo Gressler (2003), a abordagem quantitativa é a formulação de hipóteses, definições operacionais de variáveis, quantificação nas modalidades de coleta de dados e de informações, e utilização de tratamentos estatísticos.

A empresa a ser estudada é a SLC Agrícola que atua no ramo da agricultura.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A SLC Agrícola é uma produtora brasileira de soja, milho e algodão, uma das primeiras empresas do setor a ter ações negociadas em Bolsa de Valores no mundo, tornando-se uma referência no seu segmento, sua matriz é localizada em Porto Alegre (RS), possui 16 Unidades de Produção localizadas em 6 estados brasileiros. A SLC Agrícola faz parte do Grupo SLC, que foi fundado em 1945, na cidade de Horizontina (RS), por três famílias de imigrantes alemães, o Grupo SLC criou a primeira indústria nacional de colheitadeiras automotrizes de grãos no Brasil.

Os resultados obtidos da análise da empresa SLC Agrícola divulgados na B3, a partir dos dados do balanço patrimonial do período de 2016 a 2020, recolhidos no site da B3, foram calculados 10 indicadores onde serão apresentadas as análises relevantes entre os anos de 2016 a 2020. Serão apresentados a seguir os gráficos, tabelas, quadros e análise dos índices de relevância.

Com base nos dados tirados da demonstração financeira, procedeu-se a análise do capital de giro da empresa SLC Agrícola, por meio do modelo tradicional e dinâmico.

Primeiramente, aborda-se a análise do capital de giro pelo modelo tradicional e, posteriormente pelo modelo dinâmico, comparando-se os resultados encontrados ao final.

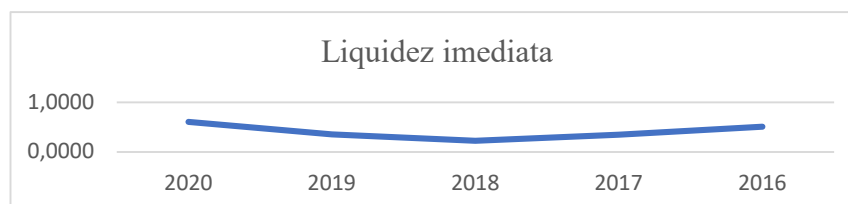
A liquidez é medida através de índices que refletem a capacidade da empresa para quitar suas obrigações.

QUADRO 3 – Indicadores de Liquidez (2020-2016)

Indicador	2020	2019	2018	2017	2016
<b>Liquidez imediata</b>	0,6060	0,3478	0,2268	0,3425	0,5061
<b>Liquidez seca</b>	1,0942	1,0254	1,2694	0,7976	1,3570

<b>Liquidez geral</b>	1,4594	1,6506	2,0238	2,1397	2,0564
<b>Liquidez corrente</b>	1,6358	1,3594	1,2736	1,2949	1,3576

Gráfico 1 – Índices de Liquidez Imediata

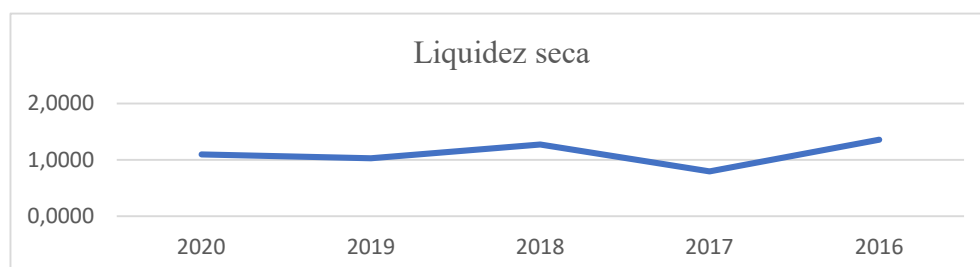


Fonte: Dados coletados, 2021

O Gráfico 1 expõe o índice de liquidez imediata, o quanto a SLC dispõe imediatamente para saldar as dívidas de curto prazo. Verifica-se que mesmo que esse índice foi aumentando ao longo dos anos analisados, a empresa não tem disponibilidade suficiente para saldar suas obrigações de curto prazo.

Essa indisponibilidade pode ser explicada devido seu passivo circulante ser maior que suas disponibilidade. No decorrer dos períodos analisados houve uma grande variação, de 0,22 para 0,60, para cada R\$ 1,00 de dívida em curto prazo a empresa dispõe de R\$ 0,60 para pagar imediatamente, isso no período mais favorável. Este índice demonstra a capacidade imediata de converter rapidamente em dinheiro, para quitar as dívidas de curto prazo.

Gráfico 2 – Índices de Liquidez Seca

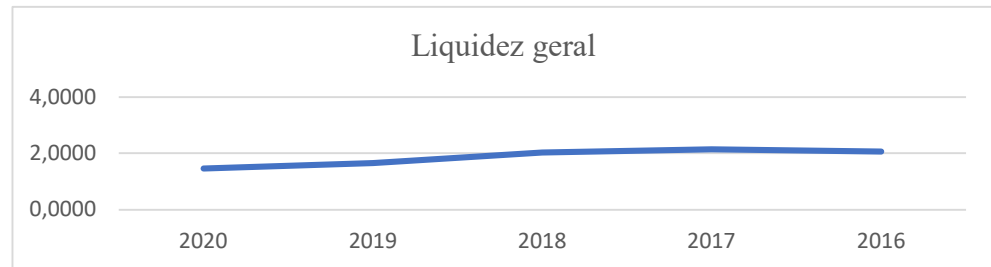


Fonte: Dados coletados, 2021

O Gráfico 2 expõe o índices de liquidez seca o quanto a SLC dispõe imediatamente para saldar as dívidas de curto prazo sem utilizar o estoque, a empresa teve plena capacidade

de pagamento a curto prazo sem depender do seu estoque exceto no ano de 2017 no qual seu índice foi inferior a R\$1,00 devido ao seu passivo circulante ser maior que o seu ativo circulante sem o estoque nesse ano.

Gráfico 3 – Índices de Liquidez Geral

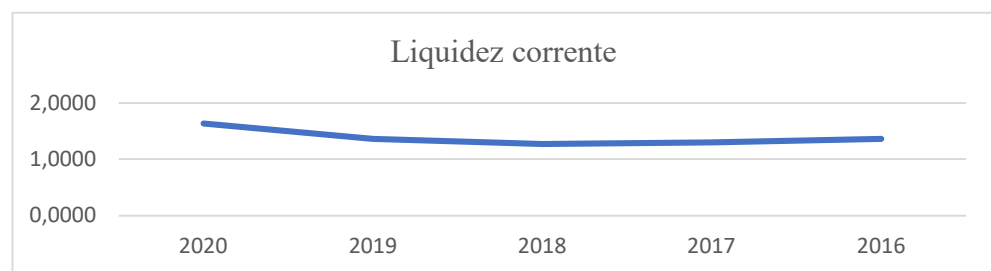


Fonte: Dados coletados, 2021

Levando em consideração com todos os ativos realizáveis e todos os passivos exigíveis, classificados de curto e longo prazo, o índice de liquidez geral mostra a capacidade geral de pagamento da empresa, demonstrando se os recursos de curto prazo e longo prazo conseguem saldar todas as obrigações e dívidas de longo e curto prazo.

No decorrer dos períodos analisados observamos que a empresa teve capacidade para afrontar as dívidas e obrigações tanto de curto e longo prazo, observamos que obteve uma sobra de R\$ 0,45 chegando em 2017 a R\$ 1,13, demonstrando que a sobra representa o Capital Circulante Próprio ou Capital de Giro Próprio, ou seja o capital próprio investido no circulante ou realizável a longo prazo.

Gráfico 4 – Índices de Liquidez Corrente



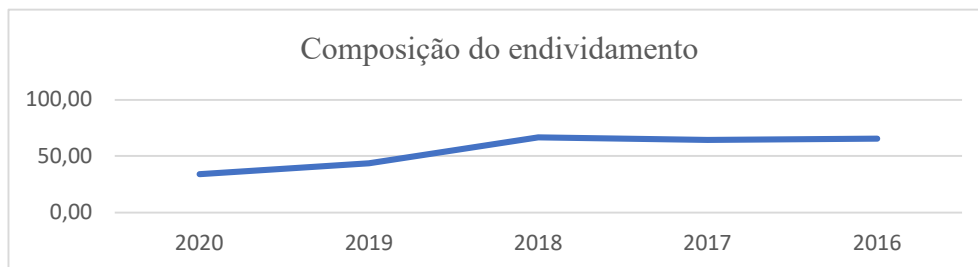
Fonte: Dados coletados, 2021

A liquidez corrente verifica a capacidade de pagamento das dívidas e obrigações de curto prazo, e se existe ou não Capital Circulante Líquido.

Demonstra que a companhia apresenta Capital Circulante Líquido ou Capital de Giro Líquido, com uma leve oscilação, ou seja, consegue suprir as dívidas e obrigações de curto prazo, em todos os exercícios, tendo uma representação de sobra que atingiu R\$ 0,63 no último

período analisado.

Gráfico 5 – Composição do Endividamento



Fonte: Dados coletados, 2021

É possível notar que o valor médio desta variável oscila entre 35% e 65% do total do Exigível de Longo Prazo ao longo do período. No ano de 2017 houve um alto nível de endividamento, para cada R\$ 100,00 de dívida que a empresa tem, R\$ 66,81 vence a Curto Prazo, ou seja, num período inferior a um ano. Aparentemente a tendência de redução do endividamento com o passar dos anos.

Gráfico 6 – Imobilização do Patrimônio Líquido

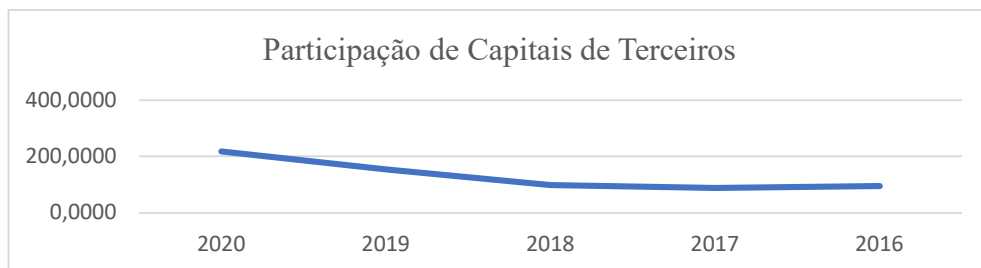


Fonte: Dados coletados, 2021

Demonstra o capital de giro próprio, resultante do capital próprio no permanente, ou seja, o indicado representa o quanto a empresa aplicou no ativo permanente para cada R\$ 100 de patrimônio (recurso próprio).

No período de 2016 a 2019 aproximadamente 20% representado por capital de giro próprio foi investido em circulante e no realizável em longo prazo. No ano de 2020 houve uma aumentou para 47,07% melhorando desempenho da empresa.

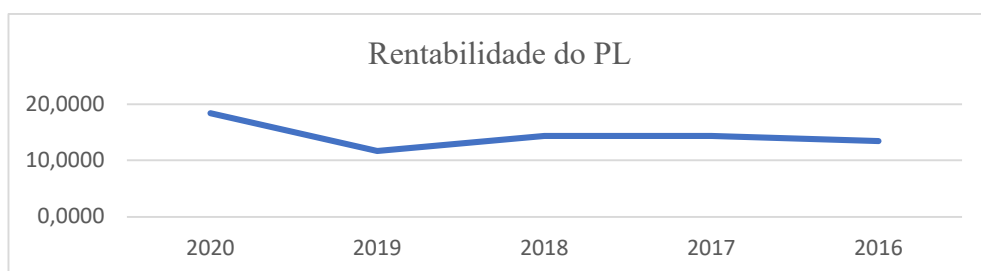
Gráfico 7 – Participação em Capital de Terceiros



Fonte: Dados coletados, 2021

Podemos observar que com o passar dos anos a tendência do índice foi de aumentar isso demonstra o quanto a empresa tomou de capitais de terceiros em relação ao capital próprio investido neste período. No ultimo ano analisado obtém-se 217,68%, que significa que para cada R\$ 100,00 de Capital Próprio, a empresa utiliza R\$ 217,68 de Recursos de Terceiros.

**Gráfico 8 – Rentabilidade do PL**

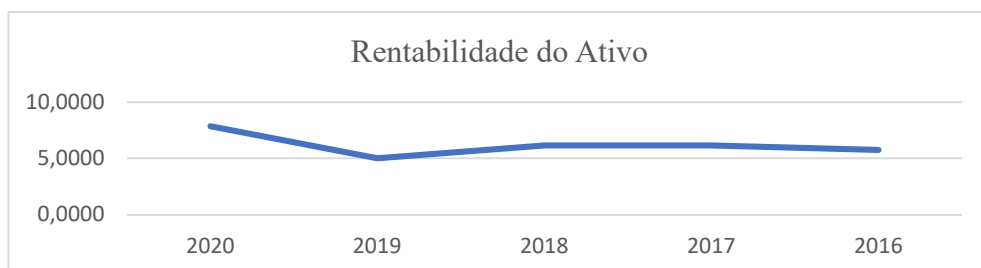


Fonte: Dados coletados, 2021

A rentabilidade evidência o dinheiro investido, ou seja, se está sendo compensatório, aplicar nesta empresa ou caso deixe em poupança, títulos de renda fixa obtenha maior rendimento.

A companhia no ano de 2020 para cada R\$ 100 de capital próprio investido conseguiu de lucro R\$ 18,38 que foi o valor mais alto dos anos analisados, podemos observar que ele foi aumento com o passar dos anos e teve uma leve queda no ano de 2019.

**Gráfico 9 – Rentabilidade do Ativo**

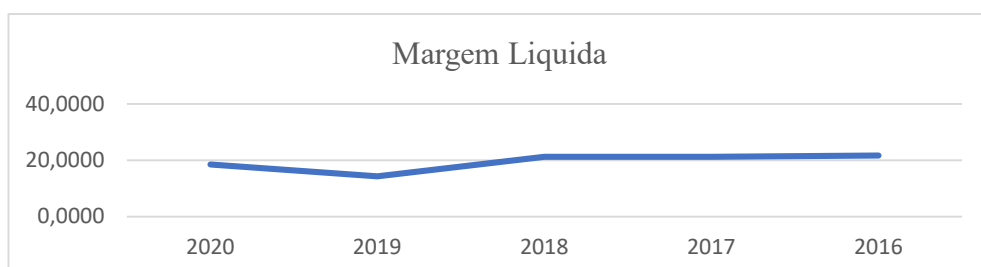


Fonte: Dados coletados, 2021

No gráfico 7 é demonstrado o cálculo do giro do ativo que é um componente importante na geração da rentabilidade, o que leva a conclusão de que a maior eficiência com que a empresa está gerindo seus custos e despesas melhora a lucratividade, de forma que enquanto o giro do ativo está aumentando, melhora a eficiência com que a empresa utiliza seus recursos, contribuindo para o aumento da rentabilidade.

A empresa teve valores estáveis durante os anos de 2016,2017 e 2019.No ano de 2019 teve uma queda, porem em 2020 conseguiu recuperar-se e obter a rentabilidade mais alto dos anos analisados.

Gráfico 10 – Margem Líquida

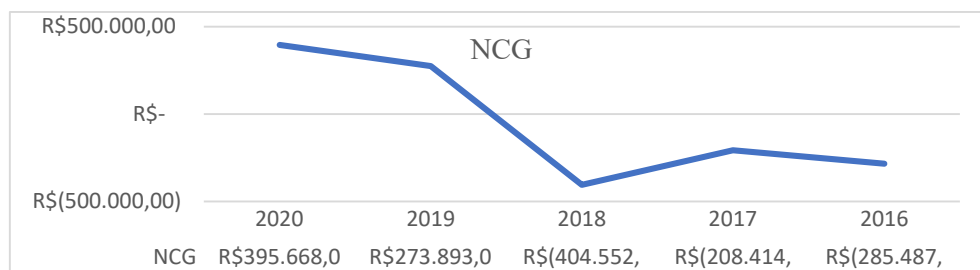


Fonte: Dados coletados, 2021

Resultante do lucro líquido sobre as vendas líquidas, representa o quanto de lucro obteve para cada R\$ 100 de receita líquida.

A margem líquida se manteve estável nos anos de 2016,2017 e 2018, e teve uma queda onde passou de 21,21 em 2018 para 14,39 em 2019.

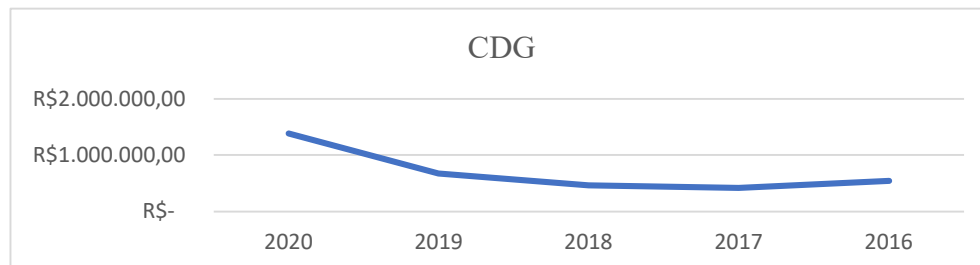
Gráfico 11 – Necessidade de Capital de Giro (NGC)



Fonte: Dados coletados, 2019

O Gráfico 8 expõe os resultados obtidos com a necessidade de capital de giro sendo a mesma positiva somente nos dois últimos anos estudados. NCG se encontra nas contas de ativos cíclicos aos quais são tem um tempo menor de doze meses com o princípio e necessidade para a produção, venda ou ambos as quais podemos citar ambos. Os ativos cíclicos incluem: estoques, clientes, adiantamento a fornecedor, créditos fiscais e despesas de produção antecipada e as contas dos passivos cíclicos as quais estão relacionados com fornecedores e consumidores com operações correntes dentre elas podemos citar fornecedores, salários e encargos a pagar e impostos a pagar (sem ligação com a produção).

Gráfico 12 – Capital De Giro (CDG)



Fonte: Dados coletados, 2021

O Gráfico 9 expõe os resultados obtidos com o capital de giro ao qual tem a finalidade de custear sua necessidade de capital de giro. Todos os anos tivemos resultados positivos resultados positivos e crescentes, no ano de 2020 teve o valor mais elevado.

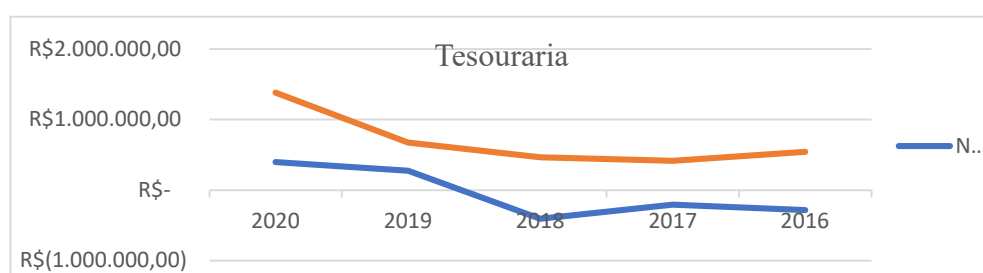
Gráfico 13 – Tesouraria "Por Dentro"



Fonte: Dados coletados, 2021.

O Gráfico 10 expõe os resultados obtidos com a tesouraria por dentro ao qual deve um T positivo nos anos de 2014, 2016 e 2017 assim tendo capacidade suficiente para superar suas obrigações financeiras de curto prazo. Esses resultados também nos remetem aos resultados negativos que a empresa teve nos anos de 2015 e 2018 assim acionando o termômetro dos riscos consequentes das irregularidades entre ativos e passivos.

Gráfico 14 - Efeito tesoura



Fonte: Dados coletados, 2021

A evolução de T ao longo do tempo resultante do comportamento assumido pelo CDG e pela NCG são a base para análise do efeito tesoura, ou seja, quanto maior a NCG e menor CDG, maior será o financiamento das atividades da empresa pelo T e a incidência do efeito tesoura.

Logo, como condição ótima para se evitar o efeito tesoura deve-se assegurar que a evolução de CDG seja compatível com a variação de NCG, uma alternativa é o lucro auferido deve ser suficiente para financiar, ao menos, os valores crescentes da NCG.

A combinação desses três elementos (NCG, CDG e T) possibilita identificar a situação financeira da empresa, dentre os seis tipos de estrutura financeira apresentados no quadro.



Quadro 4 – Tipos de Estrutura e Situação Financeira

Tipos de Estrutura e Situação Financeira				
Tipo	CDG	NCG	T	Situação
I	+	-	+	Excelente
II	+	+	+	Sólida
III	+	+	-	Insatisfatória
IV	-	+	-	Péssima
V	-	-	-	Muito Ruim
VI	-	-	+	Alto Risco

Fonte: Fleureit e Zeidan, (2015)

Quadro 5 – Modelo dinâmico indicadores

	2020	2019	2018	2017	2016
NCG	R\$ 395.668,00	R\$ 273.893,00	-R\$ 404.552,00	-R\$ 208.414,00	-R\$ 285.487,00
CDG	R\$ 1.384.116,00	R\$ 671.264,00	R\$ 463.844,00	R\$ 417.326,00	R\$ 542.040,00
T	R\$ 988.448,00	R\$ 397.371,00	R\$ 868.396,00	R\$ 625.740,00	R\$ 827.527,00

Fonte: Dados coletados, 2021

Quadro 6 – Tipos de Estrutura e Situação Financeira

	CDG	NCG	T	Resultado
2020	+	+	+	Tipo II – Sólida
2019	+	+	+	Tipo II - Sólida
2018	+	-	+	Tipo I - Excelente
2017	+	-	+	Tipo I - Excelente
2016	+	-	+	Tipo I - Excelente

Fonte: Dados coletados, 2021

Nos anos de 2016, 2017 e 2018 (I – Excelente), os balanços refletem "excelente liquidez", pois os recursos permanentes estão aplicados no ativo circulante.

Nos anos de 2019 e 2020(II – Sólida), a "situação financeira sólida" e representada pelo sal do positivo em tesouraria, nos cases em que os recursos permanentes aplicados no COG suprirem a insuficiência do Passivo Circulante Cíclico (PCC).

Fama e Modro (2012) buscaram aplicar em duas empresas, de forma comparativa, o modelo tradicional, baseado em indicadores de liquidez, de atividade e de endividamento, e o modelo dinâmico de análise do capital de giro, baseado na reclassificação do balanço

patrimonial e nos principais elementos desse modelo (NCG, CDG e T). O estudo, caracterizado como descritivo-multicaso, apresenta resultados que indicam maior sensibilidade e melhor capacidade preditiva da situação do capital de giro pelo modelo dinâmico, em comparação ao modelo tradicional.

## **5 CONCLUSÃO**

O estudo buscou apresentar a situação do capital de giro da empresa usando como ferramenta o modelo tradicional e o modelo dinâmico, a partir do qual são gerados indicadores confrontando-os para obter uma visão mais ampla acerca das demonstrações contábeis da empresa SLC Agrícola.

Os objetivos estabelecidos foram alcançados uma vez que o estudo possibilitou analisar o capital de giro da empresa por meio dos indicadores a liquidez, estrutura de capital, rentabilidade e o seu comportamento financeiro utilizando os indicadores NCG, CDG e T, no período de 2016 a 2020.

Embora o modelo tradicional e dinâmico tenha diferenças entre si ao se analisar os resultados encontrados demonstram que tanto o modelo tradicional quanto o modelo dinâmico apresentam vantagens e desvantagens. O modelo tradicional, tem uma maior facilidade nos cálculos, porém apresenta informações mais individuais. O modelo dinâmico, apesar da reclassificação das contas do balanço patrimonial, torna-se mais simples e objetivo, já que seus resultados indicam uma situação financeira específica.

As limitações do estudo foram a estrutura de divulgação dos relatórios contábeis, a dificuldade em sintetizar e expor as análises realizadas, devido a limitação do espaço e do tema abordado.

Pode-se considerar como sugestão para futuras pesquisas, a elaboração de pesquisa acrescentando uma variedade maior dos índices do modelo tradicional e modelo dinâmico podendo ser analisado um grupo de empresas de um setor específico e um espaço maior de tempo na pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ASSAF NETO, A. Administração do capital de giro. São Paulo: Atlas, 1997. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- B3. Disponível em: < [https://www.b3.com.br/pt\\_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/empresas-listadas.htm](https://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/empresas-listadas.htm) >. Acesso em 02 set. 2021.
- BRIGHAM, Eugene F.; EHRHARDT, Michael C. **Administração financeira: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016.
- BRUNI, Adriano Leal. **A análise contábil e financeira**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2014, 329 p. (Desvendando as finanças; 4).
- CPC 00 (R1). Estrutura Conceitual para Elaboração e Divulgação de Relatório Contábil-Financeiro. **Comitê de Pronunciamento Contábeis**. Disponível em: <<http://www.cpc.org.br/CPC/Documentos-Emitidos/Pronunciamentos/Pronunciamento?Id=80>>. Acesso em 15 ago. 2021.
- FERRARI, Afonso Trujillo. **Metodologia de pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.
- FERRARI, Ed Luiz. **Análise de balanço**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- FLEURIET, Michel; KEHDY, Ricardo; BLANC, George. **O modelo Fleuriet: a dinâmica financeira das empresas brasileiras**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- FLEURIET, Michel; ZEIDAN, Rodrigo. **O modelo dinâmico de gestão financeira**. Rio de Janeiro: Atlas Books, 2015.
- FRANCISCO, José Roberto de Souza; AMARAL Hudson Fernandes; FERNANDES, Nielene Aparecida Carneiro; DUECA, Anselmo Ferreira; BERTUCCI, Luiz Aalberto. Gestão Financeira do Segmento Bancos como Processo de Tomada de Decisão: Aplicação do Modelo Dinâmico. **Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 55, p. 41 - 51, set./dez. 2012. Disponível em: < <http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/pensarcontabil/article/viewFile/1482/1330> >. Acesso em: 10 set. 2021.
- GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 7. ed. São Paulo: Harbra, 2004.
- GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. 10 ed. São Paulo: Harbra, 2010.
- GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa**. Edições Loyola, 2003.
- HOJI, Masakazu. **Administração financeira: uma abordagem prática : matemática financeira aplicada : estratégias financeiras : análise, planejamento e controle financeiro**. 5. ed São Paulo: Atlas, 2004.

- IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de balanços**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 254p.
- LEMES Junior, Antônio Barbosa; RIGO, Cláudio Miessa e CHEROBLIM, Ana Paula Mussi . **Administração financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras**. 12. ed. Rio de Janeiro, 2016.
- MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo, Atlas, 2009.
- MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem gerencial**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MATIAS, A.B. Gestão financeira do capital de giro. **Cadernos do INEPAD – Instituto de Ensino e Pesquisa em Administração**, FEA/USP, Ribeirão Preto, 2006.
- MODRO, Wilton Moisés; FAMÁ, Rubens; PETROKAS, Leandro Augusto. Modelo tradicional X modelo dinâmico de análise do capital de giro: Um estudo comparativo entre duas empresas de mesmo setor com diferentes performances financeiras. **Revista FACEF Pesquisa Desenvolvimento e Gestão**. Franca, v. 15, n.1, p. 90-106, jan/fev/mar/abr 2012. Disponível em: < <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/facefpesquisa/article/view/537>>. Acesso em: 07/09/2021.
- NBC TG ESTRUTURA CONCEITUAL. Conselho federal de contabilidade. Disponível em: < [http://www1.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes\\_sre.aspx?Codigo=2011/001374](http://www1.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?Codigo=2011/001374)> acesso em 26 mai. 2021.
- NBC TG16 (R2) ESTOQUE. Conselho federal de contabilidade. Disponível em: < [http://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/NBCTG16\(R2\).pdf](http://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/NBCTG16(R2).pdf)>. Acesso em 15 set. 2021.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.
- OLIVEIRA, Alessandro Aristides de et al. **A análise das Demonstrações Contábeis e sua importância para evidenciar a situação econômica e financeira das organizações**. Revista Eletrônica: Gestão e Negócios, v. 1, n. 1, p. 1, 2010.
- ROSS, Stephen Alan. **Princípios de administração financeira**. São Paulo: 2. ed. Atlas, 2000.
- ROSS, Stephen Alan; WESTERFIELD Randolph Westerfield; JORDAN Bradford D. **Fundamentos de administração financeira**. 9. ed. Bookman: Porto Alegre, 2013.
- SCHMIDT, Paulo; SANTOS, José Luiz dos; MARTINS, Marco Antônio dos Santos. **Avaliação de empresas: foco na análise de desempenho para o usuário interno**. São Paulo: Atlas, 2006.
- SILVA, J. P. **Análise financeira das empresas**. 10. ed. São Paulo : Atlas, 2010.

VIEIRA, M. V. **Administração estratégica do capital de giro.** 2. ed. São Paulo: Atlas.

## APÊNDICE D - Termo de Responsabilidade e Autorização para Publicação de Artigo Científico

Eu, **KAROLAYNE MOREIRA DE SOUZA**, na qualidade de autor(a) e titular dos direitos autorais do artigo científico intitulado “ANÁLISE TRADICIONAL E DINAMICA DO CAPITAL DE GIRO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DO SEGMENTO AGRÍCOLA.”, autorizo o(a) orientador(a) **PROF. ESP. ELCIO DIHL OLIVEIRA** a publicá-lo gratuitamente, sem ressarcimento de quaisquer direitos autorais.

Declaro ainda, por meio deste instrumento, que o conteúdo do artigo supra identificado, é de minha inteira e exclusiva autoria, não havendo qualquer impedimento quanto a sua publicação, especialmente no que tange as normas aplicáveis ao direito autoral. Deste modo, me responsabilizo por todo o conteúdo contido no artigo, bem como por eventuais questionamentos judiciais ou extrajudiciais, eximindo de quaisquer responsabilizações a Instituição de Ensino PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, bem como meu orientador.

Manifesto-me ciente que qualquer publicação em periódicos e/ou congressos deverá ter concordância do orientador, constando o nome da Instituição.

Goiânia, 01 de dezembro de 2021.

Karolayne Moreira de Souza

Discente